O PRÍNCIPE QUE CAIU DO CÉU

Antônio Virgílio de Andrade

Virtualbooks

O PRÍNCIPE QUE CAIU DO CÉU

Antônio Virgílio de Andrade

www.terra.com.br/virtualbooks

O PRÍNCIPE QUE CAIU DO CÉU

Antônio Virgílio de Andrade

Em *O Príncipe que Caiu do Céu* o leitor atento pode perceber uma característica presente na maioria das obras do autor: o bom humor.

E como se isso não bastasse para aceitar o convite a uma agradável leitura, o texto nos remete ao interior do País, remoçando imagens folclóricas de um povo de vida simples e prazerosa que não abdica dos seus costumes e linguajar regional.

Vestindo personagens com nomes prosaicos, faz-nos lembrar Monteiro Lobato e sua inesquecível obra. Zuleide Anzol é o personagem central dessa história. E será pelo doce e sofrido olhar de Zuleide, uma tia solteirona que vive as turras com os sobrinhos, e que sonha encontrar com seu príncipe encantado, que iremos vivenciar a fantasia imaginativa do Autor. O final da história só poderia ser inusitado.

Rogério R. Freire

O PRÍNCIPE QUE CAIU DO CÉU

No sítio do Rio das Pedras, que fica lá pras bandas do cafundó do Pirenópolis, morava Pedro Bobó Zarcão, Dona Jandira Zunira Zarcão, e seus dez filhos: Mané Bodocó, Chiquinha Feijão, Amelinha Jiló, Pedro Cipó, Bibiu, Babú, Flozô, Juquinha, Totó Fuinha e Margô, a caçula. A família de Pedro Bobó Zarcão era pequena, mas com ele também moravam as irmãs de Dona Zunira: Zuleide Anzol, e Zuleide Chumbada que de tão grandona e pesada era conhecida pelo apelido de Fofinha.

Os dias no sítio eram deliciosamente monótonos e infindáveis. A rotina de arar a terra, semear o milho, alimentar a criação, e madrugar no dia seguinte para conferir se o trabalho do dia anterior havia surtido resultado almejado, às vezes, proporcionava melancolia. Mas era uma melancolia passageira, gostosa de se viver. Tanto era, que por lá também ocorriam momentos de encanto e magia que só quem por lá viveu é que pode contar. E era nesses momentos, que a família aproveitava para acender fogueira nas noites de lua nova para clarear a escuridão.

A família de Pedro Bobó Zarcão adorava as noites de fogueira. Para todos era uma excelente oportunidade para comer milho assado. Para todos, exceto para Zuleide Anzol que já estava com vinte anos e pensava que a estrelinha que brilhava

por cima do telhado era mensageira do seu príncipe encantado. Ela tinha seus motivos para assim pensar. Pois bem sabia que nas noites nas quais a estrelinha brilhava no firmamento era prenúncio que o campo amanheceria coberto de bilhetinhos como se fosse uma chuva de papel picado. E para sua alegria, em todos eles, seu nome e um coração pintado nas asas de um avião, que ela, por não atinar que coisa era aquela, pensava que era um gavião.

Zuleide nunca vira, com seus grandes olhos de um verde que ofuscava olhar da gente, aquela estranha máquina de voar que cortava o céu deixando um rastro de fumaça. Mas seu coração, sussurava-lhe que aquela coisa de outro mundo só poderia ser um novo tipo de carruagem encantada. A carruagem com a qual seu príncipe vencia as distâncias para cortejá-la com cartas de amor naquele cafundó do mundo onde Judas perdeu as botas.

Indiferente ao suspirar de amor da tia, as crianças aproveitavam do breu da noite para brincar de "pique-esconde" e recolher grossas toras de madeira que, uma a uma, amontoavam no quintal.

Quando as crianças armavam o esqueleto da fogueira, Zuleide já sabia o que iria se suceder e ficava tristonha. Ficava tão triste que começava a chorar. E para estancar aquela dor, recolhia-se no quarto e passava a noite buscando consolo nas mensagens que seu príncipe encantado lhe mandara.

Certa vez, pensando que naquela noite seu príncipe iria aparecer, ela não quis permitir que os sobrinhos acendessem a fogueira. E quando percebeu que eles não lhe deram ouvidos, ficou tão furiosa que apagou a fogo com água do cocho da vaca mocha.

Foi uma atitude boba e infantil a sua. Uma atitude que só lhe rendeu criticas maldosas e o apelido de encruada. Depois de tamanha encrenca, teve de se contentar em passar a noite no estábulo para fugir da ira das crianças. O pior de tudo, foi constatar que naquela noite seu príncipe não veio lhe visitar. No

dia seguinte não encontrou nenhum pedacinho de papel picado preso nos galhos das plantações. Nenhunzinho sequer.

Noutro dia, para se vingarem da tia, os sobrinhos resolveram construir uma fogueira de grandes proporções. Ela seria imensurável. Teria um esqueleto de tamanha proporção que o último graveto quase tocaria no céu. E para tanto, as crianças passaram uma semana juntado madeira e tudo mais que encontravam pela frente.

Quando Zuleide foi colher hortaliças no fundo do quintal e viu o tamanho do amontoado de madeira, pensou: "é... esse vai ser um fogueirão danado de grande! Desta vez, o clarão vai ser tão intenso que vai ofuscar a estrelinha e fazer com que meu príncipe perca o rumo do sitio. Se isso acontecer, adeus matrimônio! Nem Santo Antônio vai conseguir dar um jeito em mim!"

Mal sabia ela, que foi Mané Bodocó, sobrinho metido a construtor, quem inventou de fazer aquela fogueira. Sua proposta era inusitada. Previa o nosso aprendiz de construtor, que se construísse uma fogueira que tocasse o céu, produziria carvão suficiente para passarem vários meses sem precisar trabalhar na carvoaria. A proposta seduziu a todos, e todos se prontificaram em ajudar no que fosse preciso. Por sugestão da Dona Jandira, escolheram Pedro Cipó como responsável por acender o fogo.

A razão da indicação de Pedro Cipó, pela mãe, todos bem sabiam do porquê. E mesmo que não concordassem com a escolha houveram por bem concordar com a justificativa de que ele era o mais hábil em riscar o palito de fósforo. Dizia ela, que Pedro Cipó era um menino, para alguém com tal predicado, só bastava arranhar o palito na caixa para tudo em sua volta virar fogo.

Quando Zuleide tomou conhecimento do que estava preste a acontecer, tentou, utilizando-se de uma encenação caricata de um pranto doído, mudar a decisão da família. Buscando reforçar seu argumento, inventou uma história de que o céu iria queimar e cair sobre o sitio destruindo a casa e a vegetação. Mas de nada

adiantou, ninguém se deixou levar por seus apelos. Quando todos pensavam que já se dera por vencida, numa atitude inesperada, praguejou que as crianças que brincassem com fogo naquela noite, estariam condenadas a fazer xixi na cama. E mesmo assim, Zuleide não conseguiu atingir seu intento. As crianças caçoaram dela, e os adultos, condenaram o prantear fingido.

Coitada da Zuleide. Afinal, além da possibilidade de produzir carvão em quantidade suficiente para o consumo de vários meses, aquela era uma ótima oportunidade para fazer uma festa e comemorar o aniversário do sobrinho que desejava ser bombeiro e, por ironia do destino, vivia incendiando a vegetação ressequida do roçado.

Pedro Cipó ficou envaidecido com a escolha e por saber que receberia um presente de aniversário. Tanto assim, quem nem deu importância ao praguejo da tia. Ora! A partir daquele dia, passaria a ser reconhecido como o maior acendedor de fogueira da região, e ainda por cima, ganhara um bom motivo para justificar o rotineiro molhado no seu colchão. Se bem, que lá no fundo, soubesse que o molhado decorria da sua preguiça de se levantar da cama nas noites frias para fazer seu xixi. E era tudo que importava naquele dia. Ganhara uma festa de aniversário e o direito de ser o único responsável por acender a fogueira. E se assim era, a partir daquele dia ninguém teria motivos para caçoar dos lençóis da sua cama terem de ser trocados a cada manhã.

E foi assim, que naquele mês que prenunciava ter a noite mais festiva dos últimos anos, a família se preparou com afinco para comemorar o aniversário do filho caçula. Todos estavam radiantes de felicidade. E a felicidade era maior por saberem que o povo da região estaria presente para prestigiar o acontecimento.

No dia da festa, desde cedo, as mulheres iniciaram o trabalho de preparar as guloseimas e os homens de armar a fogueira. Os convidados não teriam de que reclamar. Comes e bebes haveria com fartura. Os adultos teriam quentão e carne seca assada na brasa. E as crianças, pipoca, milho assado, curau com queijo, bolo de batata doce e batata doce assada na brasa.

Rojões? Claro que haveria rojões! Naquela festa tão concorrida, e regada com a melhor batata doce da região, rojões é o que de certo não faltaria. Não faltaria e não poderia faltar, haveria sempre alguém disposto a emprestar a sua colaboração.

Pensando em agradar o compadre que há muito não via, Pedro Bobó Zarcão convidou o prefeito, padrinho do aniversariante, bem como de todos seus filhos. Mas ele mandou avisar que não poderia comparecer, estava padecendo de gota. E todos sabiam que a danada daquela gota o deixava acamado por vários dias. No entanto, prometeu enviar por um emissário uma lembrancinha para Pedro Cipó: um par de botas com solado de pneu velho, a qual, sabia que o afilhado há muito queria possuir.

Na hora marcada para o início da festa, as mulheres ainda estavam ocupadas no trabalho de arear panelas. Zuleide cumpriu com esmero a tarefa que lhe foi confiada, e naquele momento, para espantar a tristeza, observava a chegada dos convidados. Ficou indignada com o que viu. E foi por esse motivo que tomou uma decisão que mudaria o rumo da sua vida: Desta vez, pensou ela: “não vou chorar e nem me maldizer da vida. Quando a festa começar, vou dar um passeio pelo campo e só volto quando o dia amanhecer. Afinal, se a fogueira é tão alta, é bem possível que ela possa iluminar o sitio e muito além dele.”

Pensando assim, enfiou na mochila de piquenique cinco fatias de bolo de milho, meia dúzia de batata doce, uma garrafa de café, e aproveitou para incluir a rede velha de que tanto gostava. Já tomara sua decisão. Passaria a noite debaixo do pé de jabuticaba sonhando com seu príncipe encantado. E quem sabe, casar com ele em sonhos.

E foi assim que no mesmo momento em que a fogueira começou arder, tomou o caminho da serra sem olhar para trás. Lá de longe, donde podia se observar à silhueta da fogueira, viu a fumaça subir e engolir a estrelinha que mal tingia o céu com seu brilho, e pensou: “minha estrelinha vai ser consumida pelo fogo... A luz que guiava os passos do meu príncipe encantado deixara de existir, consumida pelo fogo. Em poucos segundos, minha única

esperança de um dia me casar e fugir desse fim de mundo não mais existirá. Ah! como sou infeliz!”

Pensou em chorar, mas entendeu que o melhor que poderia fazer era cantar. Cantar para espantar o medo que estava tomando conta do seu ser e fazia suas pernas tremerem como se fosse uma vara de bambu verde. Amarrou a rede nas galhas no pé de jabuticaba, e ficou admirando as estrelas que brilhavam no outro quadrante do firmamento. O sono logo chegou. Dormiu. E dormiu tão profundamente que perdeu a noção do tempo e das horas. Quando já eram altas horas da noite escutou um estrondo que parecia que o céu estava desabando sobre sua cabeça. Afogueada pulou da rede. E viu uma estrela tremular e despencar em forma de círculos.

Zuleide engoliu uma súplica: - vale-me meu Padrinho Padre Cícero do Juazeiro! E ficou espreitando aonde a estrela poderia cair.

Para aumentar seu pesadelo, o objeto que do céu caía começou a zumbir feito uma chaleira de esquentar leite quando solta vapor. O zumbido foi aumentando, aumentando; e só deixou de zumbir quando o objeto tocou a vegetação e produziu um estrondo seco.

Foi então que gritou: - Ai! - e cobriu os olhos para não ver o acontecido.

Sem atinar se aquela alucinação era um gavião noturno ou a carruagem alada do seu príncipe, correu e foi espreitar onde a coisa caíra. E caíra justamente na colina próximo de onde se encontrava.

Temendo que pudesse ser sua estrelinha casamenteira, começou a vagar no meio das sombras procurando encontrá-la. Estava triste e apavorada. E mais ficou quando descortinou um vulto cambaleante descendo a colina como se fosse uma coisa do outro mundo.

Ela indagou-se: “será uma assombração ou será a mula sem cabeça?”

Coitada da Zuleide Anzol, que de tão magra e curvada parecia um anzol. O vulto poderia ser a mula sem cabeça, o tal lobisomem, um ET, ou a estrelinha cadente que estava rolando morro abaixo.

Mas que nada! Era Ambrozino Babão que trabalhava no correio aéreo. Zuleide não se recordava dele. E dele só tinha uma vaga lembrança dos tempos em que eram crianças.

Ambrozimo era filho de Cacau da Cotia e Marilena Precata de Couro, que moravam na fazenda do outro lado do rio. Quando pequeno, ele era franzino e chupado feito roupa amassada. Contudo, tinha olhos vibrantes e sorriso largo que muito chamava a atenção. Era uma pintura de homem, parecia o jeca tatu. Mas desde pequeno sempre fora doce e amável com ela.

Zuleide correu ao encontro do desconhecido que rolava morro abaixo. Naquele momento, não importava quem era ou que coisa ruim pudesse vir a ser, precisava socorrê-lo. Afinal, era uma alma precisando do seu socorro. Encontrou o dito cujo e agasalhou-o no aconchego do seu corpo quente. Serviu-lhe café, bolo de milho e semeou ungüento nas suas feridas. Quando deu por si, já havia lhe entregue a chave do seu coração.

E foi assim, que sem muita conversa, ficou sabendo que Ambrozino do correio aéreo era quem lhe mandava as mensagens de amor escritos em papel de guardanapo; que a estrelinha era o marco espacial para entregar suas cartas de amor; e que o sítio do Rio das Pedras ficava na rota das suas viagens. E para quem era carteiro do ar, tal qual ele, era muito fácil entregar suas próprias correspondências. Bastava abrir a janela do teco-teco e libertar o conteúdo da sacola de couro. O papel rodava, rodava; e para a felicidade de ambos, caía exatamente sobre os arbustos do quintal da casa.

O que levava Ambrozino e Zuleide agirem daquela maneira, até hoje, é motivo de confusão. O que se sabe é que os dois se

casaram e tiveram três filhos: Zumira Jabuticaba, Estrelita Cadente, e **Cometino de Jesus**, que graças ao Menino Jesus, nasceu num certo dia de domingo dentro do ônibus da **VIAÇÃO COMETA**.

****

Dados sobre o Autor

Antônio Virgílio de Andrade

Poeta e Escritor, nasceu em dezembro de 1955, em Sertânia/PE; residiu em Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo, e hoje vive em Brasília; cidade na qual, ainda moço, participou da epopéia de sua construção.

Antônio Virgílio iniciou sua carreira literária publicando em editoras virtuais obtendo, desde então, reconhecimento e apreço. É Autor da VIRTUALBOOK EDITORA, onde possui cinco títulos publicados. Publica regularmente na "USINA DE LETRAS", revista on-line do Sindicado dos Escritores de Brasília, na Revista on-line PONTO DE VISTA, na Revista on-line POESIA & CIA; na Revista on-line MAGRIÇA e outras do gênero, onde publica Contos, Crônicas, Poesias e Ensaios.

Sua coletânea poética: RASTILHO DE PROSAS, publicada em formato virtual e convencional, foi lançada na 16ª BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE SÃO PAULO/2000, na 19ª FEIRA DO LIVRO DE BRASÍLIA/2000 e em outros eventos literários.

Recebeu menção honrosa do Centro Cultural de Aricanduva - São Paulo, com a Poesia SIMPLES; participou da "6º ANTOLOGIA editada pela CÂMARA BRASILEIRA DE JOVENS ESCRITORES"; foi selecionado para figurar no PAINEL BRASILEIRO DE NOVOS TALENTOS - CBJE - Rio de Janeiro -; e foi incluído na "1º COLETÂNEA POÉTICA DE ARICANDUVA", promovida pelo Centro Cultural de Aricanduva - São Paulo.

Publicações Virtuais:

Coletânea Poética: RASTILHO DE PROSAS
Novela Infanto/Juvenil: CAÇADA AO PIRA-BRASÍLIA
Conto Infanto/Juvenil: ÁGUA RASA NO RIACHO FUNDO
Crônicas: CRÔNICAS DO COTIDIANO E DO ABSURDO
Romance: OINOTNA, O ÚLTIMO ERMITÃO

Publicações em formato convencional:

Coletânea Poética: RASTILHO DE PROSAS
Novela Infanto/Juvenil: CAÇADA AO PIRA-BRASÍLIA